

- Sarvakâmin** (*Sâncsc.*) – Que tem tudo o que deseja.
- Sarvakâmya** (*Sâncsc.*) – Que tem tudo o que lhe é apetecível.
- Sarvakartri** (*Sâncsc.*) – Autor de tudo; Supremo Criador; Brahmâ.
- Sarva-mandala** (*Sâncsc.*) – Nome aplicado ao “Ovo de Brahmâ”.
- Sarvamaya** (*Sâncsc.*) – Total, universal; que se refere ao todo.
- Sarvamûchaka** (*Sâncsc.*) – “Que a tudo arrebatava”. O tempo.
- Sarvânga** (*Sâncsc.*) – A coleção de membros: o corpo inteiro.
- Sarvapriya** (*Sâncsc.*) – Universalmente amado; que ama a tudo e a todos.
- Sarvârthâtâ** (*Sâncsc.*) – A totalidade das coisas.
- Sarvasaha** (*Sâncsc.*) – “Que a tudo sustenta”: a Terra.
- Sarvasannâha** (*Sâncsc.*) – “Que une todos os seres entre si”: a Alma ou Espírito Universal.
- Sarva-sâra** (*Sâncsc.*) – Título de um dos *Upanichads*.
- Sarvathâ** (*Sâncsc.*) – De todos os modos, por todos os meios; em qualquer lugar ou condição; completamente.
- Sarvâtman** ou **Sarvâtâmâ** (*Sâncsc.*) – A Alma Suprema; o Espírito onipenetrante. [O Espírito Universal; a Superalma. (*Doutrina Secreta*, I, 117.)]
- Sarvatomukha** (*Sâncsc.*) – Que tem o rosto voltado para todas as direções; Brahmâ, de quatro faces.
- Sarvatra** – Ver *Sarvathâ*.
- Sarvaveda** (*Sâncsc.*) – Brahmã que leu todo o *Veda*.
- Sârvavedya** (*Sâncsc.*) – Brahmã que conhece todos os *vedas*.
- Sarvavid** (*Sâncsc.*) – Que tudo sabe ou conhece; onisciente.
- Sarva-vyâpi** (*Sâncsc.*) – Onipresente; onipenetrante.
- Sarvesha** – Ver *Sarveza*.
- Sarveza** [**Sarva-fza**] (*Sâncsc.*) – “Senhor do Universo”, o Ser Supremo; aquele que rege ou governa todas as ações e forças do universo. [Ver *Sarvezvara*.]
- Sarvezvara** [**Sarva-fzvara**] (*Sâncsc.*) – Rei universal, Senhor Supremo ou do universo. Sinônimo de *Sarveza*.
- Sârvika** (*Sâncsc.*) – Universal, concernente a tudo.
- Sarvîya** (*Sâncsc.*) – Relativo a todos.
- Sasin** (*Sâncsc.*) – Outro nome do Astro-das-Noites, a Lua (palavra masculina em sânscrito). Suas esposas eram as vinte-e-sete constelações, porém apenas Rohini, a Vermelha (a constelação do Touro, cuja estrela principal é vermelha), reinava em seu coração. (Bergua, *O Râmâyâna*, p. 747, nota.)
- Sâsmita** (**sa-asmita**) (*Sâncsc.*) – Literalmente: “com egotismo”. Tratando-se de meditação, é aquela em que se conserva o sentimento ou a consciência do ser pessoal (egotismo). Ver *Aforismos de Patañjali*, I, 17.

**Sat** (*Sâncsc.*) – A única Realidade sempre presente no mundo infinito; a Essência Divina que é, porém da qual não se pode dizer que *existe*, uma vez que é o Absoluto, a própria *Seidade*. [Em geral, *sat* significa ser, existência, essência, realidade, o real; o mundo real; bem, bondade, pureza, verdade, qualquer coisa boa ou útil; *Âtman*, o Absoluto. Como adjetivo: existente, real, presente, vivo; verdadeiro, bom, puro, justo, harmônico, útil, proveitoso, excelente, respeitável etc.]

**Sât** (*Sâncsc.*) – Este sufixo expressa a matéria que forma ou constitui uma coisa ou o estado a que se encontra reduzida; assim *bhasmasât* (de *bhasman*, cinza, e *sât*), significa: reduzido a cinzas.

**Satâ** (*Hebr.*) – Certamente não se encontrará, de modo algum, um ponto em que se veja tão manifestadamente a que absurdos extremos podem levar as interpretações errôneas de idéias e doutrinas primitivas. O Satâ da teologia ocidental, com todo o horror dogmático de tal ficção, é filho de uma interpretação viciosa, que desfigurou completamente um dos conceitos mais ideais e profundamente filosóficos do pensamento antigo. As lendas dos “Anjos caídos” e das “Guerras no céu” são de origem puramente pagã e procedem da Índia e da Caldéia. Tais guerras referem-se às lutas de ajustamento espiritual, cósmico e astronômico, porém principalmente ao mistério da evolução do homem, tal como é na atualidade. O clero de todas as religiões dogmáticas considera Satâ como “Inimigo de Deus”. “Anjo rebelde”, “Anjo do mal” ou “Espírito das Trevas”. Porém, ao deixar de ser considerado segundo o espírito supersticioso e antifilosófico das Igrejas, Satâ converte-se na grandiosa figura de um personagem que faz do homem terrestre um Homem divino, que lhe dá, durante todo o dilatado ciclo do *Mahâkalpa*, a lei do Espírito de Vida, que o livra do pecado da ignorância e, portanto, da morte. (*Doutrina Secreta*, I, 220.) Satâ era um dos “Filhos de Deus” e o mais belo de seus Arcanjos. Nos *Purânas*, o primeiro “Adversário” em forma humana é Nârada, filho de Brahmâ e um dos maiores *Richis* e *Yogis*, designado pelo sobrenome de “Promovedor de lutas” (*Ibid.*, II, 244). Satâ é uno com o *Logos* (II, 245). O *Logos* é Sabedoria, porém, ao mesmo tempo, como adversário da ignorância, é Satâ e Lúcifer. Satâ é o verdadeiro criador e benfeitor, o Pai espiritual da humanidade, o Heraldo da Luz, o brilhante Lúcifer, que abriu os olhos do autômato “criado” por Jeová e conferiu à linhagem humana a imortalidade espiritual. (*Ibid.*, II, 254.) Impulsionado pela lei do Karma e da evolução eterna, o Anjo se encarnou como homem na Terra, conservando todo seu saber e conhecimento divinos (II, 296). A sabedoria Divina, caindo como um raio (*cadebat ut fulgur*), avivou a inteligência daqueles que lutavam contra os demônios da ignorância e da superstição. Satâ pode ser considerado alegoricamente como o Bem e o Sacrifício e como Deus da Sabedoria (II, 247). Não é sem razão que foi qualificado de “Adversário”, por que é, como acabamos de dizer, o Deus da Sabedoria e, especialmente, da Sabedoria Secreta, naturalmente oposta a toda ilusão efêmera do mundo, incluindo-se nela as religiões dogmáticas e eclesiásticas. (*Ibid.*, II, 394.) Por outro lado, Satâ existiu sempre como força antagonista, tal como o exigem o equilíbrio e a harmonia de todas as coisas da Natureza, do mesmo modo que a sombra é necessária para tornar a luz mais brilhante e a noite para que se ressalte o esplendor do dia. Deus e Satâ: os dois “Supremos”, são uma só e mesma entidade vista de dois aspectos diferentes. (*Ibid.*, I, 218 e 219.) A Igreja, pois, ao maldizer Satâ, maldiz o reflexo cósmico de Deus; anatematiza o Deus que se manifesta na Matéria e no mundo objetivo; execra a Deus ou à Sabedoria sempre incompreensível, que se revela como Luz e Sombra, Bem e Mal na Natureza. Se “Deus” é absoluto, infinito e a Raiz Universal de tudo o que há no universo, de onde vem o Mal senão da própria matriz do Absoluto? Assim, temos de aceitar a emanção do Bem e do Mal, do *Agathodaemon* e do *Kakodaemon* como ramos do mesmo tronco da Árvore do Ser ou, do contrário, teremos de nos resignar ao absurdo de crer em dois Absolutos. (*Ibid.*, I, 443.) Porém, ao se considerar